



O HOMEM PEDAGOGO E O MERCADO DE TRABALHO: OPORTUNIDADES E DESAFIOS

Renan Mota Silva^{ID¹}, *Diego Bacellar de Souza*^{ID²}

Gilmar Ferreira Vita^{ID³}, *Andrea Sonia Berenblum*^{ID⁴}

Resumo: O presente artigo é fruto da vivência em espaços escolares e não escolares, buscando compreender, a partir da ótica da categoria gênero, o homem quando pedagogo e o mercado de trabalho desta formação, mostrando os desafios e as oportunidades desse profissional em dois municípios da Região Sul Fluminense do Rio de Janeiro. Os procedimentos teórico-metodológicos adotados estão subsidiados em princípios de pesquisa bibliográfica e de campo, apontando uma análise quantitativa e qualitativa na qual se refere o assunto abordado. Neste percurso, buscou-se comparar as mudanças nas legislações educacionais, Diretrizes Curriculares de Pedagogia e a Resolução CNE/CP 01/2006, que conduz o curso de pedagogia a outras áreas do mercado, e não somente à docência da educação básica. Esta pesquisa apresenta os diferentes campos de atuação dos formados em pedagogia e a significância da discussão da questão da ótica voltada ao gênero masculino em uma profissão maciçamente feminina, seguidamente de reflexão sobre as oportunidades e desafios do profissional pedagogo frente ao mercado de trabalho. Os resultados são expressivos e não se esgotam essa discussão, pois este não é o objetivo, mas o que salienta é propiciar uma reflexão bem fundamentada e embasada por pressupostos teóricos acerca das oportunidades dos homens que escolhem o curso de pedagogia e os desafios diante desta escolha.

Palavras-chave: Desafios. Gênero. Pedagogo. Trabalho.

THE EDUCATIONAL MAN AND THE LABOR MARKET: OPPORTUNITIES AND CHALLENGES

Abstract: This article is the result of experience in school and non-school places, looking for understanding from the perspective of the

¹Mestrando em Educação (PPGEA-IA-UFRJ). Docente no Centro de Instrução e Adestramento Aeronaval Almirante José Maria do Amaral Oliveira - Marinha do Brasil (CIAAN). E-mail: renanmota16@hotmail.com

²Mestrando em Educação (PPGEA-IA-UFRJ). Inspetor de Escolar - Secretaria Municipal de Educação de Paty do Alferes - PMPA. E-mail: diegobarcellar@hotmail.com

³Pós-doutorando em Educação Agrícola. E-mail: gilmarferreiravita@yahoo.com.br

⁴Doutora em educação. Professora Associada do IE da UFRJ. E-mail: andyblum@uol.com.br





gender category, man as a pedagogue and the labor market come from this formation, showing challenges and opportunities of this professional in two municipalities of the South Fluminense Region of Rio de Janeiro. The adopted theoretical-methodological procedures are based on principles of bibliographic and field research, pointing to a quantitative and qualitative analysis in which the subject is approached. This course searched to compare changes in educational legislation, Curriculum Guidelines of Pedagogy and Resolution CNE/CP 01/2006, which conducts the course of pedagogy to other areas of the market, and not only the teaching of basic education. This research presented the different fields of actuation of graduates in pedagogy and the significance of the discussion from this issue about the point of view focused on the male gender in a profession massively feminine, followed by reflection on the opportunities and challenges of the professional pedagogue facing the labor market. The results are expressive and do not exhaust this discussion, because this is not the objective, but what it emphasizes is providing a well-founded reflection and based on theoretical presuppositions about the opportunities of men who choose by course of pedagogy and the challenges have faced because of this choice.

Keywords: Challenges. Genre. Pedagogue. Job.

1. Introdução

De modo geral, atualmente, o pedagogo do sexo masculino vem enfrentando desafios ao manifestar seu desejo em trabalhar nas escolas e em outros espaços atuais da profissão, o que se intensifica com as poucas oportunidades. De acordo com essa perspectiva, este artigo procurou discorrer a respeito da relevância da identificação do pedagogo homem dentro da atuação do campo pedagógico e o mercado de trabalho, visto que o momento deste universo é marcado pela presença feminina, logo, problematizar a presença do homem dentro deste espaço.

Partindo dessa premissa, este texto está dividido em duas seções: a primeira trata de maneira sistemática os aspectos legislativos e conceituais do curso de Pedagogia; seu currículo, as diretrizes, o mercado de trabalho e as oportunidades para o homem pedagogo; a segunda discute a questão de sexo masculino e o gênero homem no curso de pedagogia, identificando desafios do pedagogo homem dentro desse universo feminino. Assim, começamos entendendo melhor essa formação da identidade do pedagogo, cujo foco buscará fazer um breve resgate do currículo do curso de



Pedagogia, bem como um estudo comparativo das habilitações, que nesses últimos tempos vem passando por seriadas modificações e reformulações designadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9394/96 e a Resolução CNE/CP 01/2006 que institucionalizam as Novas Diretrizes Curriculares de Pedagogia. Por conseguinte, apresentam-se as novas atribuições dentro dos diferentes eixos e setores do mercado atual, bem como os novos ramos de atuação do profissional formado em Pedagogia.

Identificando como segundo eixo, desconsiderando qualquer juízo de valor e na conceituação de sexo inerente ao conceito biológico de masculino e feminino, e de gênero na concepção de identidade social homem e mulher, o artigo traz uma discussão acerca da questão do gênero homem, o sexo masculino e o curso de Pedagogia, numa apresentação do mercado de trabalho identificando o pedagogo na sua atuação, não somente em espaços escolares, o que se desfecha em pesquisa de campo com profissionais em exercício e não atuantes em dois municípios da região Sul Fluminense do Rio de Janeiro.

A pesquisa será abordada seguindo uma análise qualitativa e quantitativa, onde entrevistas e questionários foram aplicados com pedagogos de duas cidades da região Sul Fluminense do Rio de Janeiro para estudo do perfil dos homens pedagogos atuantes na profissão, e com pais a fim de identificar suas opiniões quando o referido profissional for um homem. O resultado desta pesquisa serviu para trilhar os caminhos que ainda temos que desconstruir, pois são muitos os preconceitos arraigados dentro da nossa sociedade acerca do homem na escolha da profissão de pedagogo.

2. Pedagogia no Brasil: breve histórico

Ainda que tenham raízes na década de 90, com os movimentos gritando pelos ideais de democratização, com mobilizações em torno do curso de Pedagogia como docência e a superação de sua fragmentação, e com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), foi somente com a aprovação do Conselho Nacional da Educação, através da Resolução CNE nº 01/2006 – que definiu e norteou o profissional formado em Pedagogia, estabelecendo sua base como docência na Educação Infantil, anos iniciais e na educação em ambientes escolares e não escolares.

Além disso, o pedagogo deve apresentar saberes para as etapas iniciais da Educação Básica, no que se refere à docência e na coordenação, orientação, e ainda na gestão e participação nas várias atividades dentro e fora da escola. Para Libâneo (2010, p. 200) a



pedagogia justifica-se e tem como base o estudo sistemático das práticas educativas que constantemente se intensificam na sociedade, sendo estes necessários e fundamentais a formação humana, assim o autor afirma:

[...] a pedagogia como campo de conhecimento que investiga a natureza e as finalidades da educação numa determinada sociedade, bem como os meios apropriados de formação humana dos indivíduos. Mais especificamente, concebemos a Pedagogia como ciência da prática que explica objetivo e formas de intervenção metodológica e organizativa nos âmbitos da atividade educativa implicados na transição/assimilação ativa de saberes e modos de ação. (LIBÂNEO, 2010, p. 129).

Diante do entendimento do autor supracitado, a prática do pedagogo referindo-se à pedagogia, traz uma reflexão sobre a identificação da importância de se pensar nesta profissão e de alguma forma reverberar sobre os saberes que estão mobilizados no exercício desta atividade profissional. Os saberes que são apreendidos no processo de formação do pedagogo são variados e contextualizados, o que coloca em evidência sua atuação nas áreas distintas das que conhecemos até hoje.

Sobre essas demandas, convém mergulhar na LDBEN e na Resolução n.º 01/2006, que serão analisados e discutidos num olhar para com o pedagogo e o mercado de trabalho. Ademais, pontuar sobre o currículo do curso de Pedagogia e sua importância no favorecimento do desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem em ambientes escolares e não escolares.

2.1 Currículo do curso de Pedagogia: outros caminhos

Em sua legalidade, atualmente o curso de Pedagogia está destinado a formar professores da Educação Infantil e para os anos iniciais do Ensino Fundamental, e também em ações de desenvolvimento de competências para o curso de nível médio na modalidade normal. As habilitações do curso enquadram-se ainda ao ensino na educação profissionalizante na área de serviços e apoio escolar, as atividades de gestão e organizações educacionais e atuando na produção e multiplicação do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional. Resolução CNE/CP n.º 1, de 15 de maio de 2006:



O Curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

Parágrafo Único. As atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando:

I – planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação;

II – planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não escolares;

III – produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não escolares (BRASIL, 2006).

Algumas mudanças curriculares vieram da aprovação das Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia (Parecer CNE/CP 5/2005 resolução CNE/CP 1/2006), subsidiadas na Lei 9394/96. Dentre as principais mudanças destacamos a alteração na carga horária, passando de 2.800 horas para 3.200 horas, para conclusão do curso. Desse total, 2.800 horas são destinadas às aulas, seminários, pesquisas e atividades práticas, 300 horas para estágio supervisionado e no mínimo 100 horas dedicadas a atividades complementares na especificidade de interesse dos alunos. Ainda, salientamos o Edital n.º 4/97, de 4 de dezembro de 1997, que solicitava às Instituições de Ensino Superior (IES) a discussão para as novas Diretrizes Curriculares nos cursos superiores:

As Diretrizes Curriculares têm por objetivo servir de referência para as IES na organização de seus programas de formação, permitindo uma flexibilidade na construção dos currículos plenos e privilegiando a indicação de áreas do conhecimento a serem consideradas, ao invés de estabelecer disciplinas e cargas horárias definidas. As Diretrizes Curriculares devem contemplar ainda a denominação de diferentes formações e habilitações para cada área do conhecimento, explicitando os objetivos e demandas existentes na sociedade (MEC, 1997).

Esta sinalização, sobre medidas a serem tomadas com os novos currículos de graduação, reflete no ideal de formação de um profissional mais próximo tecnicamente do mercado de trabalho, ou seja, mais flexível.



2.2 Diretrizes Curriculares de Pedagogia: um “novo” pedagogo

A resolução CNE n.º 01 de 15 de maio de 2006 (BRASIL, 2006) que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura, torna mais específico às várias funções dos profissionais pedagogos, além de normatizá-lo como licenciatura voltada preferencialmente a formar professores.

Essa resolução, por sua vez, veio certificar e configurar o caráter amplo de formação no curso de Pedagogia, onde no seu encadeamento de informações e eixos dão margens para adaptações que possibilitam habilitar esse profissional a atender as demandas em que haja ações educativas, necessitando, por vezes de conhecimentos pedagógicos, que podemos constatar no artigo terceiro desta resolução:

O estudante de Pedagogia trabalhará com repertório de informações e habilidades composto por pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, cujo a consolidação será proporcionada no exercício da profissão, fundamentando-se em princípios de interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética. (BRASIL, 2006).

O curso de Pedagogia propõe então, para o profissional licenciado, uma formação abrangente, sendo necessária uma nova roupagem para a concepção de educação, da escola, de pedagogia em si, do ato de docência, do licenciado. Outra visão e entendimento que eleve a educação e a formação de pedagogo no contexto das várias práticas sociais já consolidadas e as construídas no tempo presente da sociedade, com a finalidade de possibilitar o caráter sócio-histórico desses elementos.

3. Mercado de trabalho: oportunidades

Dentro do campo da educação escolar, a atuação do profissional formado em curso de Pedagogia se abrange com as habilitações a trabalhar dentro das áreas do setor educacional como salientado no artigo 14 (Resolução CNE/CP n.º 01/06), e mais bem elucidado na LDBEN, indicando as seguintes atribuições:

Art. 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional (BRASIL, 1996).



A partir da Resolução CNE/CP/2006, fica pontuado e esclarecido as áreas de atuação do egresso em Pedagogia, bem como as exigências para sua formação. Habilitados em trabalhar não somente em sala de aula e ambientes educacionais, a atuação do pedagogo engloba empresas públicas e privadas, Organizações Não Governamentais (ONG), hospitais, instituições de apoio social e em qualquer outro local onde haja a necessidade de contribuição para a formação de indivíduos críticos e conscientes, e que precisem de mediação para o processo de construção de algum conhecimento.

Corroborando com o entendimento de Libâneo (2010, p. 58), “[...] para o pedagogo definem-se duas esferas de ação educativa: escolar e não escolar”, na primeira já prevendo espaços escolares. Conquanto, já tem uma noção e familiaridade, apontando as áreas de trabalhos da pedagogia que mais conhecemos até então, ou seja, como professor, supervisores pedagógicos, gestores, planejadores, orientadores educacionais, administradores escolares etc.

3.1 Espaços escolares e não escolares

Os espaços escolares influenciam sobremaneira no contexto social, numa verdadeira propositura da educação para a vida; uma formação que continua para além dos muros e das salas de aula. Na socialização dos conceitos apreendidos na formação escolar, almeja-se que esses indivíduos propiciem a esse educandário um retorno expressivo e significativo. Ademais, a escola sistematizará reflexões em busca de continuar exercendo uma das suas principais funções: ensino-aprendizagem.

Ainda que sobre a educação estejamos assimilando os espaços escolares, a ideia é não deixar de enfatizar que, mesmo que não sejam nesses sítios, a educação também acontece e deve ter a mesma responsabilidade e atenção que nos espaços interescolares, pois neles acontecem ações pedagógicas. De fato, é sinal que a pedagogia também estará presente ali, para exemplificar os mesmos locais, buscaremos aprofundamento e melhor entendimento dos espaços da pedagogia: social, empresarial e hospitalar.

3.2 Pedagogia Social (educador social), Pedagogia Empresarial e Pedagogia Hospitalar

A educação social acontece nos variados contextos da sociedade e pode ser caracterizada como uma educação não formal que está estreitamente ligada às realidades de exclusão, criminalização,



minorias, movimentos sociais, marginalização, abandono, dificuldades e sofrimentos. Enfatizando esse pensamento, Gohn (2006) diz:

[...] A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. Em suma, consideramos a educação não-formal como um dos núcleos básicos de uma Pedagogia Social. (GOHN, 2006, p. 88-89).

Estas práticas já são comuns nas atividades de muitos pedagogos e podem ser encontradas em locais com cunhos socioculturais e socioeducativo: ONGs, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), instituições filantrópicas, igrejas etc.

Considerando a empresa como um espaço educativo, a finalidade da Pedagogia Empresarial é criar metodologias necessárias para melhor gestão, funcionamento e desenvolvimento dos colaboradores da empresa, e por consequência buscar resultados positivos no que tange o desempenho, estrutura da empresa e até o treinamento de funcionários/colaboradores. Assim, nesta pedagogia tem se vinculado a ideia de formação/preparação de recursos humanos, objetivando melhores desempenhos. Nesse contexto, ela propõe a qualificação profissional e educacional contribuindo para o crescimento da organização e para o capital intelectual dela, uma vez que se aplicam ações educativas para seus membros. Ribeiro (2006) destaca para a Pedagogia Empresarial o seguinte:

[...] implanta programa de qualificação/requalificação profissional, produz e difunde o conhecimento, estrutura o setor de treinamento, desenvolve programas de levantamentos de necessidades de treinamento, desenvolve e adapta metodologias da informação e da comunicação às práticas de treinamento. (RIBEIRO, 2006, p. 11).

A Pedagogia Hospitalar é a educação em meio hospitalar que está voltada para crianças e adolescentes que estão em grandes períodos dentro dos hospitais, já que ela contribui para que pacientes que estejam em tratamento médico não percam o contato com a vida



escolar, propiciando melhor desenvolvimento nos campos cognitivo, social, psicológico e por consequência do quadro de saúde do aluno em tratamento médico. Embora seja um mercado de trabalho pouco conhecido e não muito vivenciado pelos pedagogos atuais, Fonseca (2003), afirmam sobre o que vem a ser a Pedagogia Hospitalar e sua ação:

A pedagogia hospitalar em sua prática pedagógico-educacional diária visa dar continuidade aos estudos das crianças em convalescença, com o objetivo de sanar dificuldades de aprendizagem e/ou oportunizar a aquisição de novos conteúdos. Atuando também como um acompanhamento do aluno fora do ambiente escolar, esta se propõe a desenvolver suas necessidades psíquicas e cognitivas utilizando programas lúdicos voltados à infância, entretanto sua ênfase recai em programas sociointerativos, vinculando-se aos sistemas educacionais como modalidade de ensino - Educação Especial - ou ao sistema de Saúde como modalidade de atenção integral - Atendimento Pedagógico Educacional Hospitalar. (FONSECA, 2003, p. 22)

Visto que a pedagogia hospitalar é um ramo da educação que tem por objetivo proporcionar aos estudantes hospitalizados sua continuidade escolar, devemos também considerar que ela vem para somar na recuperação dos pacientes através de atividades lúdicas, pedagógicas e atrativas.

4. Mercado de trabalho: o homem como pedagogo

A Pedagogia certamente vive um bom momento e a partir do ano de 2006 tomou novos caminhos depois da reformulação das Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia. Porém, o que define uma discussão mais acirrada neste capítulo é a análise do mercado de trabalho e sala de aula, cuja atuação do pedagogo na docência e dentro das escolas é o campo de atividade com maiores oportunidades para o formado em pedagogia do sexo feminino. Certamente mergulharemos na discussão e entendimento desse universo da docência e nos permitiremos a analisar o homem como pedagogo dentro dessa esfera considerada predominantemente feminina.

4.1 O homem como pedagogo: questões de gênero

Numa classificação designada restritamente ao estudo da gramática até a década de 1970, o termo "gênero" apresenta-se como derivação da palavra latina *genus*, traduzida para o português como: "raça", "tipo", "variedade". Posteriormente assimilou-se o termo a uma aproximação mais contemporânea, quando o psicólogo Jhon Willian



Money em uma de suas obras atribui ao gênero as características culturais relativas ao sexo, identificação muito próximas ao uso que fazemos hoje. Para Judith Butler (2003, p. 26), “[...] o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo”, logo, existe uma multiplicidade do conceito gênero abrindo possibilidades e múltiplas interpretações no que tange o sexo.

Butler (2003) ainda caracteriza gênero como não podendo ser algo inerte e estável, e nem sempre apresentando coerência e coexistência histórico-social, isso porque gênero é construído e reconstruído ao longo do tempo a partir das práticas que regulam as normas sociais.

Ainda assim, mesmo com base na perspectiva de construção cultural, o conceito de gênero indica, de certa forma, o determinismo de locação dos sujeitos na sociedade, colocando-os dentro do que aparentemente deve ser o padrão, o que produz diferenças que são ideologicamente afirmadas como naturais.

Mesmo que em mudança, o modo como as pessoas ocupam os espaços na sociedade brasileira é historicamente construída dentro de processos de diferenciação e julgamento de valores principalmente a partir do seu gênero, o que pressupõe uma classificação entre os seres humanos num princípio de desigualdade, preconceitos, hierarquização e exclusão. Para essa reflexão, Guacira Louro (2011) complementa do pensamento citando que:

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e estar no mundo, formas de falar ou de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder. (LOURO, 2011, p. 45).

A diferenciação de gênero vai muito além e requer discussões acerca do assunto, isso porque as desigualdades e preconceitos estão enraizados na sociedade, e como salientado anteriormente são produzidos pelas relações de poder e nas relações de poder. Como coluna dorsal para o tema tratado neste artigo, a questão gênero é o enfoque principal onde o sexo masculino por um processo de estigmatização da cultura brasileira sofre impasses de aceitação na profissão de pedagogo atuando em escolas que hoje são cristalizadas pela presença de mulheres.

Para esta ocasião, em específico, onde certamente surgem muitos questionamentos, a definição de gênero segundo Louro (1997,



p. 24), deve ser claramente entendida e reflexionada, logo, “considerar que os sujeitos podem adquirir várias identidades e estas serem constituídas por gênero”, devem estar no princípio do pensamento de que as pessoas e a sociedade estão em constantes mudanças, são diferentes e estão passíveis e tal. Os comportamentos estão ligados e são intrínsecos à identidade e esta dialoga com o gênero. Nisto Louro (1997) completa dizendo:

[...] Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim com a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. O sujeito é brasileiro, negro, homem, etc. Nessa perspectiva admite que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros [...] (LOURO 1997, p. 25).

O fato é que homens como pedagogos dentro de escolas traduzem um estranhamento e conseqüentemente visões preconceituosas, sendo assim, a presença masculina na área da Pedagogia, tem sido alvo de indagações como: o professor da Educação Infantil é homem? Homem no curso de Pedagogia? Homem como pedagogo?

4.2 O homem como pedagogo: desafios

O professor de sexo masculino, principalmente o que atua junto às crianças, gera muitos pensamentos dúbios, questionamentos dos pais, da sociedade, do corpo docente escolar e causa tensões, conflitos e reflexões. O homem como pedagogo é um profissional no mercado de trabalho – escola, que está no foco dos julgamentos preconceituosos que a todo o momento põe em dúvida sua capacidade, seriedade e até mesmo sua sexualidade. A questão do preconceito por parte da escola e de famílias também trazem realidades à prática docente de professores homens, que em todo momento tem seu trabalho desvalorizado e construções que envolvam a comunidade escolar. A identidade dos homens como pedagogo é posta em contrariedade devido à norma de gênero que é imposta pela sociedade, tendo este que responder a algumas expectativas impostas, para que não seja chamado de homossexual ou pedófilo.

Para discussão das novas construções e formas que protocolaram sobre homens como pedagogos, adiante propomos uma pesquisa de campo na tentativa de mostrar os olhares de homens pedagogos, e olhar de pais de alunos para com esses profissionais atuando dentro dos espaços escolares.



5 Metodologia

Dadas as circunstâncias onde regras, normas e preconceitos são instituídos aos homens professores, sentimos a necessidade de dissecar através da investigação com cinco homens pedagogos dentre os municípios de Paty do Alferes e Vassouras, a percepção dos mesmos e como eles sentem sua aceitação no mercado de trabalho. Para isso, foram perguntados: 1- Qual o ano de conclusão do seu curso? 2- Está no mercado de trabalho? 3- Atua na profissão de pedagogo no mercado de trabalho? 4- Você percebe que há diferença e/ou dificuldades por questões de sexo masculina na profissão pedagogo? 5- Você percebe preconceitos com o homem pedagogo no mercado de trabalho?

Outras informações também foram geradas das respostas de um questionário (1- Qual a idade do seu filho(a)? 2- O sexo do filho(a)? 3- Na trajetória escolar do seu filho(a), alguma vez ele já teve um professor homem? 4- Supondo que você pudesse escolher quem daria aula para o seu filho, nesta situação você escolheria um professor, uma professora ou é indiferente?), respondido por trinta e oito pais de alunos da rede pública e privada, que diante as perguntas indicaram posicionamentos, quando o homem como pedagogo e/ou professor faz parte da trajetória escolar de seus filhos. Os sujeitos da pesquisa foram alcançados dentro dos municípios de Paty do Alferes e Vassouras da região Sul Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, nos meses de outubro e novembro de 2018.

Com autorização do Comitê de Ética em pesquisa (CEP) da Universidade de Vassouras, ambos os sujeitos entrevistados assinaram no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

6. Resultados e discussões

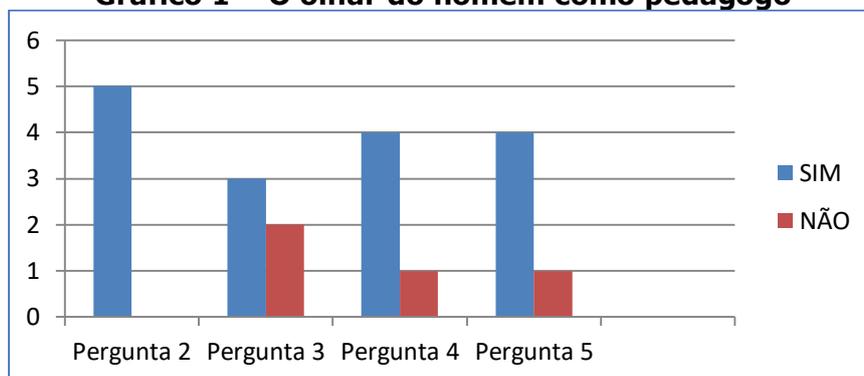
A discussão da pesquisa baseada nas informações foi tendenciosa ao tema em questão, e para isso, consideramos a classificação de sexo inerente ao conceito biológico relacionado com feminino e masculino, enquanto gênero identificado como homem e mulher, ou seja, uma identidade social dos sujeitos. Assim como análise temos:

Para os homens pedagogos foram perguntados: 1- Qual o ano de conclusão do seu curso? 2- Está no mercado de trabalho? 3- Atua na profissão de pedagogo no mercado de trabalho? 4- Você percebe que há diferença e/ou dificuldades por questões de sexo masculina na profissão pedagogo? 5- Você percebe preconceitos com o homem pedagogo no mercado de trabalho?



Na indagação de número, em que se perguntou sobre o ano de formação dos homens pedagogos entrevistados, constatou-se que os mesmos concluíram a graduação em Pedagogia entre os anos de 2013 e 2016 e para as demais questões suscitaram os seguintes dados:

Gráfico 1 – O olhar do homem como pedagogo



Fonte: o próprio autor – Questionário n.º 1. 2018.

Na pergunta de número 2, observou-se que todos os pesquisados estão no mercado, mas esse número não se mantém na pergunta número 3, por apontar que dois dos homens formados em Pedagogia não atuam no mercado de trabalho específico da sua formação, ou seja, não atuam como pedagogos. Certamente o número de mulheres pedagogas é expressivamente maior que os homens no campo em que se aplicou a pesquisa, e mesmo em número muito reduzido os poucos não estão em maioria executando sua formação, dos cinco homens pedagogos alcançados, dois não estão na sua área.

Na discussão mais específica sobre gênero, os homens, segundo o que foi respondido na questão número 4, acreditam haver diferenças e/ou dificuldades na profissão quando estes são do sexo masculino. Quatro pedagogos sinalizaram que sim, o que coloca em possibilidade a norma já discutida acima, que esses homens estão “fora do lugar”, e não tem a mesma oportunidade que as mulheres.

Certamente apropriar-se de um mercado de trabalho até então dominado pelo universo feminino, desafio para o pedagogo homem, é muito desafiador (não se faz aqui um discurso generalista e nem juízo de valor, ainda que seja comum uma visão normativa e moldada por um pensamento de gênero que “proíbe” que as pessoas façam suas escolhas).

Na pergunta de número 5 (5- Você percebe preconceitos com o homem pedagogo no mercado de trabalho?), em que foi enfatizado o preconceito com homens pedagogos no mercado de trabalho, foi



identificado o mesmo número apurado na pergunta de número 4, 80% dizem que sim. Essas respostas corroboram com o pensamento de que os preconceitos com o sexo masculino na profissão é um dos maiores desafios para os homens formados em Pedagogia, o que não deixa de ser e causar as diferenças e as dificuldades na profissão.

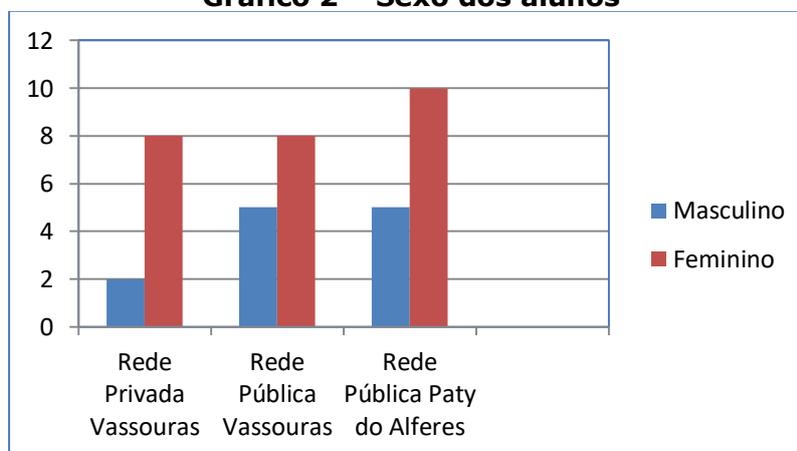
Outras perguntas foram realizadas a alguns pais dos alunos na Rede Municipal de Educação das cidades de Paty de Alferes e Vassouras, e de uma escola da Rede Privada da cidade de Vassouras. Nesta ocasião, por meio dos questionários foi possível perceber algumas opiniões de pais de alunos ao supor ter os seus filhos, vivências com homens pedagogos durante a sua trajetória escolar.

Com todos os pais foi apresentado um questionário com cinco perguntas, a saber: 1- Qual a idade do seu filho(a)? 2- O sexo do filho(a)? 3- Na trajetória escolar do seu filho(a), alguma vez ele já teve um professor homem? 4- Supondo que você pudesse escolher quem daria aula para o seu filho, nesta situação você escolheria um professor, uma professora ou é indiferente? Foi pesquisado um total de 38 pais sendo 10 da rede privada e 28 da rede pública municipal.

Representando a questão de número 1 temos que a idade dos alunos, que segundo as respostas dos pais, variam entre 2 e 14 anos de idade; em sua maioria representam pais de alunos do primeiro segmento do Ensino Fundamental.

Para identificação de um quantitativo identificado pelo sexo (conceito inerente à concepção biológica de masculino e feminino) dos alunos, podemos observar, de acordo com as respostas dos responsáveis, uma maior quantidade do sexo feminino em relação ao masculino. A amostra desses dados pode ser observada a seguir:

Gráfico 2 – Sexo dos alunos



Fonte: O próprio autor – Questionário n.º 2. 2018.

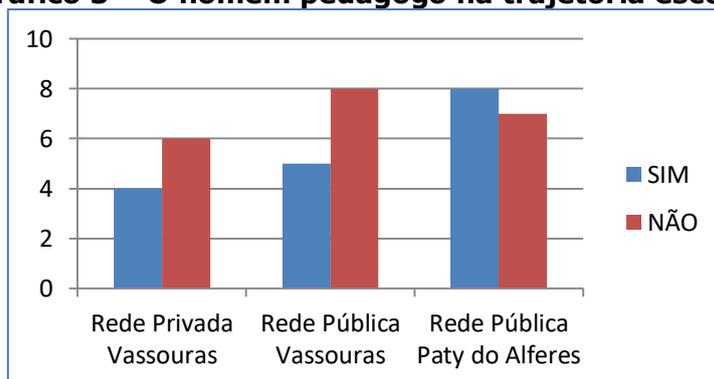


Das 38 respostas referentes à questão sexo dos alunos nas redes públicas de Vassouras e Paty de Alferes, observamos em números, o dobro do sexo feminino em relação ao sexo masculino. Na rede privada de Vassouras há uma proximidade entre o número de sexo masculino com o feminino, o que pode ter efeito de menor número de pesquisados em relação às outras redes de educação.

Buscando saber se na trajetória escolar do seu filho, se o mesmo já tenha tido professor homem, conforma a pergunta de número 4 (4- Na trajetória escolar do seu filho(a), alguma vez ele já teve um professor homem?), os responsáveis identificaram as respostas que se apresentam no gráfico 3.

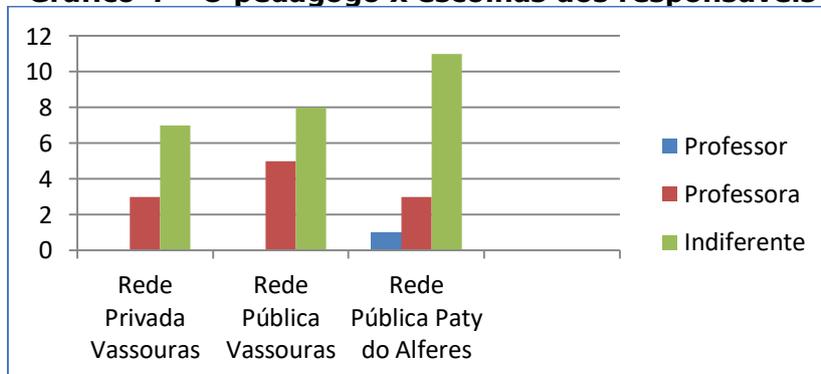
Na posição de escolha do professor do seu filho, de acordo com a pergunta de número 5 (5- supondo que você pudesse escolher quem daria aula para o seu filho, nesta situação você escolheria um professor, professora ou é indiferente?), as respostas constam no gráfico 4, como poderemos ver a seguir:

Gráfico 3 – O homem pedagogo na trajetória escolar



Fonte: O próprio autor – Questionário para responsáveis.

Gráfico 4 – O pedagogo x escolhas dos responsáveis



Fonte: O próprio autor – Questionário para responsáveis.



As respostas colhidas assumem uma tendência que pode ser alinhavada equiparando o gráfico de número 4 (pergunta de número 5 - Supondo que você pudesse escolher quem daria aula para o seu filho, nesta situação você escolheria um professor, professora, ou é indiferente?), com os gráficos 3 e 2. Ainda que subjetivo e por motivos não investigados, 11 dos 38 responsáveis em pesquisa assinalaram em caso poder escolher, ser o professor do seu filho uma mulher, o que de alguma forma coincide em serem a maioria dos pais de alunas. Outra relevância é que quando houve escolha por uma professora para o filho de sexo masculino, esses não apresentaram idades maiores que 11 anos.

Aos responsáveis que na preferência escolheram uma professora, mas seus filhos são do sexo masculino, podemos assimilar a educação que vem junto do cuidar. Neste sentido, por vezes, acreditam os pais que os homens professores não têm a dedicação como a das professoras com a característica maternal, principalmente quando com alunos de 0 a 6 anos de idade.

As respostas dos responsáveis identificam que ainda há preconceitos dos mesmos e/ou da comunidade escolar, e que também há poucos professores homens em relação às professoras. Estas subjetividades vão de encontro às respostas das perguntas feitas aos homens pedagogos que em sua maioria apontaram haver diferenças, dificuldades e preconceitos com o homem pedagogo no mercado de trabalho.

7. Considerações finais

As maneiras como os gêneros constituem-se condiz com o contexto histórico, social e cultural, logo, não apresenta coerência, estabilidade e consistência, pois como afirma Butler (2003):

O gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de "gênero" das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2003, p. 33).

A indissociabilidade da construção de gênero nos diferentes contextos, deve nos aproximar do pensamento do mesmo como uma construção cultural, diferente de sexo. São muitas as justificativas que remetem uma discriminação pra os homens quando pedagogos, que,



consequentemente inferem desafios aos mesmos no ato da profissão e no mercado de trabalho, logo, as relações de gênero privilegiam uns e extinguem outros, e como aborda Guacira Lopes Louro (2000):

Os sujeitos que, por alguma razão ou circunstância, escapam da norma e promovem uma descontinuidade na seqüência sexo/ gênero/sexualidade serão tomados como minoria e serão colocados à margem das preocupações de um currículo ou de uma educação que se pretenda para a maioria. (LOURO, 2000, p. 6).

Nesse sentido, percebemos a necessidade de revertermos às opiniões que a sociedade impõe sobre o homem como pedagogo em suas funções, o que revela uma opinião de discriminação que em nada tem a ver com a sua capacidade e qualidade profissional, para isto no imo das discussões Louro (1997, p. 67) aponta “[...] No entanto, se em algumas sociedades seus esforços estão sendo acolhidos e incorporados, em outras são ainda menosprezados ou ridicularizados”.

Desta maneira, Guacira Lopes Louro (1997, 2000, 2011) compreende as relações de gênero como coletivo social e evidencia as transformações ocorridas ao longo do tempo, propondo a escola atual a compreender essas mudanças que os confrontam, como alavanca propulsora para disseminar novas ideias como a de tolerância, respeito às diferenças, aceitação das pluralidades, com o intuito de (des)naturalizar posturas preconceituosas, principalmente no campo de trabalho escolar, até porque é nesta instituição que devemos pensar a importância das discussões e desconstruções de estereótipos sobre homens, mulheres e gênero. É na escola e para a escola que precisamos iniciar a construção de um pensamento que agora e futuramente coloque como normalidade a presença de homens nos espaços de trabalhos de mulheres e vice-versa. É através da escola que iniciaremos a formação de indivíduos repensando no seu papel social para que não sejam causadores e nem vítimas de preconceitos, desigualdade, falta de respeito e desconhecimento de suas escolhas futuras.

O homem como pedagogo no mercado de trabalho certamente está possibilitado a muitas oportunidades, porém há muito que se discutir e repensar nos desafios diante da escolha pelo curso, assim, sugere-se novos estudos e pesquisas com alunos, escolas, empresas, hospitais, para ressaltar e verificar novos olhares para com o homem nesta profissão.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Legislativo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833.

BRASIL. Resolução CNE/CP n.º 1, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 mai. 2006. Seção 1, p. 11.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FONSECA, Eneida Simões. *Atendimento escolar no ambiente hospitalar*. São Paulo: Memnom, 2003.

GOHN, Maria da Glória. *Educação Não Formal e o Educador Social*. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos, para Quê?* 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. *Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente*, Belo Horizonte, v. 3, n. 4, p. 62-70, jan./jul. 2011.

MEC. *Edital n.º 4/97*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Superior, 1997.

RIBEIRO, Henrique M. F.; VIANA, Maria J. B. Um perfil sociológico do aluno atual do curso de Pedagogia da FAE/UFMG. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 43, p. 111-135, jun. 2006.

Recebido em: 15 de novembro de 2019.
Aceito em: 8 de janeiro de 2020.

